



Freakonomics

Steven D. Levitt e Stephen J. Dubner
Ed. Campus

Publicada na revista Exame de 08/06/2005.

Para a maioria dos mortais, estatísticas são um osso duro de roer, coisa que se lê apenas por obrigação. Não fazem parte de um livro que se leve para as férias ou que se dê de presente. Mas estatísticas são a personagem principal do mais original e inspirado livro de economia publicado nos últimos tempos. A começar do título, *Freakonomics*, trocadilho em inglês entre ciências econômicas e a palavra *freak* – que tanto significa aberração como entusiasmo. A obra da dupla Steven Levitt e Stephen Dubner nada tem de convencional. *Freakonomics* tornou-se a mais nova onda literária ianque. Já ocupa o segundo lugar da lista de mais vendidos do New York times. Virou uma febre na Internet com um dos mais populares *blogs* americanos. Semanas antes de seu lançamento, os blogueiros começaram a receber cópias da editora Harper Collins inundando a web de elogios a ele.

Mas, afinal, do que trata *Freakonomics*? É baseado nas pesquisas de Steven Levitt, professor de Economia da Universidade de Chicago que ama as interrogações. Passando a léguas de distância de temas econômicos “normais” como inflação ou taxa de juro, Levitt, que aos 37 anos já ganhou a medalha John Bates Clark, concedida aos mais jovens e brilhantes economistas americanos, se dedica a resolver questões da vida cotidiana. Por exemplo: qual a verdadeira importância dos pais na criação dos filhos? Levitt tampouco evita questões controversas: será que a legalização do aborto teve alguma coisa a ver com a queda da criminalidade nos Estados Unidos? O segredo da obra consiste em combinar os estudos de Levitt com a fluência e o bom humor do jornalista Stephen Dubner, que topou o desafio de traduzir uma maçaroca de estatísticas e termos acadêmicos para o leitor comum. De todas as questões tratadas em *Freakonomics*, a mais polêmica, que tem causado mais discussões nos *talk shows* americanos, é a que relaciona o direito de aborto à queda dos crimes violentos nas grandes cidades americanas. Ao contrário do senso comum, o mais importante fator para a queda da criminalidade nas últimas décadas não foi o policiamento mais efetivo, o controle de armas ou a expansão econômica dos anos Clinton. Foi a legalização do aborto em todo o território americano nos anos 1970.

Na Califórnia, Washington, Alasca e Havaí, uma mulher poderia fazer um aborto legal pelo menos dois anos antes da decisão da Suprema Corte americana, que em 1973 a estendeu para todos os Estados Unidos. Entre 1988 e 1994, o crime violento naqueles estados caiu 13% em comparação aos

demais estados. Nos três anos seguintes, suas taxas de homicídio foram 23% inferiores em relação à média nacional. “Na maioria dos casos, as mulheres que praticavam aborto eram adolescentes, solteiras e pobres”, escrevem os autores de Freakonomics. “Os mesmos fatores que levaram milhões de mulheres americanas a fazer aborto também pareciam predizer que, se os seus filhos tivessem nascido, teriam uma vida infeliz e talvez criminosa”.

Grande parte do livro é dedicada a examinar de que maneira as informações privilegiadas e manipuladas pelos chamados especialistas acabam prejudicando a sociedade. Isso pode acontecer com uma imensa gama de profissionais – de corretores de imóveis a médicos – que usam seu saber para aterrorizar o cliente caso ele não siga suas instruções. É como se agissem de maneira semelhante à Ku Klux Klan, sociedade secreta que aterrorizava os negros americanos. Suponha que o dono de uma casa num subúrbio americano contrate um corretor para vendê-la. Do ponto de vista do proprietário, se o corretor se esforçar um pouco, poderá encontrar um comprador que pague, digamos, 3% a mais do que o valor esperado. Numa típica casa de classe média americana, avaliada em US\$ 300 mil, 3% a mais significam US\$ 9 mil. Sucede que a comissão líquida a ser embolsada pelo corretor é de apenas US\$ 1500 dólares. A maioria tentará apressar a venda. “Você será um tolo se não vender. Na esquina, tem uma casa bem melhor que a sua pelo mesmo preço encalhada há meses”. A grande ameaça da Ku Klux Klan era enforçar negros que não concordassem com a segregação e que insistissem em invadir o espaço “dos brancos”. Mesmo quando o número de enforcamentos caiu de 800 para 30, nos anos 1940, a Ku Klux Klan continuava dominando o sul do país graças ao terror que infundia. Ironicamente, o golpe certo contra os racistas foi dado por um branco, Stevson Kennedy. Ele se infiltrou na organização, aprendeu todos os seus códigos e passou as informações para um seriado de rádio infantil, que diariamente ridicularizava os rituais e palavras de ordem da seita. As crianças americanas por sua vez começaram a recomendar o programa para os pais. A desmoralização foi fatal para a Ku Klux Klan. Se fosse hoje, em vez de rádio, os segredos da organização teriam isso parar na Internet. É justamente isso o que está acontecendo com as casas à venda nos Estados Unidos, que ganharam inúmeros sites em que se comparam imóveis e preços. O resultado é que os corretores estão perdendo o poder de manipulação sobre o mercado.